

# Nova ponderação do IBGE reduziu a taxa de aumento do PIB em 93 para 4,1%

por Vera Saavedra Durão  
do Rio

O Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 4,12% em 1993 e não 4,96%, como foi calculado preliminarmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O número divulgado é resultado de uma revisão dos dados de crescimento da indústria de transformação e da construção civil em função da nova ponderação dos produtos industriais com base no Censo Econômico de 1985 e não mais de 1980 e do novo painel de informantes utilizados.

O valor do PIB baixou de um cálculo inicial de CR\$ 44,4 trilhões para CR\$ 38,6 trilhões, o que informa um valor correspondente a US\$ 436,7 bilhões pela taxa média do dólar de 1993, ante US\$ 450 bilhões anteriores. A revisão da parcela da construção civil influenciou a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), encolhendo de 15% para 13,9% a participação da taxa de investimento no PIB do ano passado.

Heloisa Valverde Filgueiras, coordenadora do Departamento de Contas Nacionais (Decna), da instituição, destacou os três fatores que influenciaram nos novos números do PIB/93: a reformulação da pesquisa da indústria de transformação, que na divulgação preliminar do PIB/93

PIB E INVESTIMENTOS* (90 a 93)						
Anos	Preços correntes (CR\$ 1.000.000)			Preços de 1980 (CR\$)		
	PIB	INV.	INV./PIB Em %	PIB	INV.	INV./PIB Em %
1990	29.973	6.863	22,9	14.610	2.168	14,8
1991	157.038	30.810	19,6	14.645	2.097	14,3
1992	1.401.183	333.471	19,6	14.531	1.904	13,1
1993	38.633.616	7.872.184	20,4	15.130	2.096	13,9

Fonte: IBGE. (\*) Investimentos = Formação Bruta de Capital.

tinha registrado uma expansão de 10,06%, encolhendo agora para 7,94%; a revisão do peso dos insumos da construção civil com base no Censo Econômico de 1985; e a consequente revisão do painel de informantes destes insumos, atrelado ao fim do cálculo do peso dos insumos por tipo de obra. Estas mudanças levaram a taxa de crescimento da construção civil a encolher de 9,61%, no cálculo preliminar, para 4,93%, na revisão feita agora pelo Decna. "Estes dois segmentos alavancaram a economia no ano passado, por isso a alteração de ponderação se reflete na agregação dos produtos, influenciando sobre o resultado final do macroindicador", destacou Valverde.

Os novos números não impedem sua avaliação positiva do PIB do ano passado. O crescimento da economia, de 4,12% ante uma taxa negativa de 0,8% em 1992, foi significativo e propiciou pela pri-

meira vez, nos anos 90, um crescimento do PIB per capita de 2,6%. Segundo Heloisa, de 1990 a 1992 o PIB per capita caiu quase 9%, informando um empobrecimento significativo da população. A renda per capita estimada para 1993 foi de US\$ 2.881,00/ano. Para o PIB per capita crescer 5,7%, recuperando os níveis de 1980, o PIB teria que crescer, este ano, 7,31%. A coordenadora do Decna não crê que isso ocorrer, mas avalia que se o PIB crescer 4%, o produto per capita cresce 2,48%, continuando sua trajetória positiva. Se o PIB crescer 6%, o desempenho do PIB per capita será ainda melhor, com aumento de 4,4%, tendo por base uma taxa de expansão demográfica de 1,48% ano, entre 1992 e 1993.

A recomposição dos estoques comerciais nos primeiros meses de 1993, o ganho de salário real e o aumento das exportações, apesar de um

ambiente de alta inflação — o deflator implícito do PIB/93 alcançou 2,081%, indicando a variação média dos preços da economia no período — impulsionaram a economia no ano passado. Os dois setores que mais cresceram foram o automobilístico e o eletroeletrônico, por apresentarem preços competitivos. A indústria de transformação foi a que mais contribuiu para o bom desempenho do PIB/93 e, por isso, a revisão dos números apresentou queda. Na nova pesquisa industrial do IBGE, com base na ponderação do Censo Econômico 85, a indústria de transformação tem seu peso encolhido de 97,07% para 92,73% e o setor de material de transportes, de 7,34% para 6,26%, lembrou a coordenadora do Decna.

Um dado interessante revelado pelo IBGE foi a participação do setor financeiro no PIB, em 1993: 9,7%, ante 9,8% em 1992. "Apesar da inflação alta, a participação das instituições financeiras no PIB recuou ligeiramente", observou Ida Kós, do Decna. Ela informou que algumas medidas de restrição à saída de capital contiveram o ganho inflacionário dos bancos. Em 1989, quando o Brasil viveu a hiperinflação, este setor alcançou uma participação de 26,4% no PIB.